

CONSIDERAÇÕES

SOBRE

O AMOR.

THEZE

APRESENTADA E SUSTENTADA PERANTE A FACULDADE DE MEDICINA DO RIO
DE JANEIRO, EM 20 DE DEZEMBRO DE 1848

POR

JOZE LUIZ DA COSTA,

ILHEO LEGITIMO DO CIRURGIÃO LUIZ JOZE DA COSTA,

NATURAL DO PORTO

Approvado Cirurgião, Doutor em medicina, pela mesma Faculdade, Socio da Sociedade Amante
da Instrucção, &c.

O amor é a mais doce, e fogosa das paixões;
é a origem dos gozos mais vivos, e dos males
mais pungentes.

Rostan, Hygiene.



RIO DE JANEIRO,

TYPOGRAPHIA BRASILEIRA DE J. V. CREMIERE, RUA D'ALFANDEGA, N. 135.

—
1848.

DIRECTOR

O SR. DR. JOSE' MARTINS DA CRUZ JOBIM.

LENTES PROPRIETARIOS.

Os Srs. Drs.

I — ANNO.

Francisco de Paula Candido, *Examinador*.....
Francisco Freire Allemão.....

Physica Medica.
Botanica Medica, e principios elementares de Zoo-
logia.

II — ANNO.

Joaquim Vicente Torres Homem.....
José Mauricio Nunes Garcia.....

Chimica Medica, e principios elementares de Mine-
ralogia.
Anatomia geral e descriptiva.

III — ANNO.

José Mauricio Nunes Garcia.....
Lourenço de Assis Pereira da Cunha.....

Anatomia geral e descriptiva.
Physiologia.

IV — ANNO.

Luiz Francisco Ferreira.....
Joaquim José da Silva.....
João José de Carvalho.....

Pathologia externa.
Pathologia interna.
Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Bra-
sileira, Therap., e Arte de formular.

V — ANNO.

Candido Borges Monteiro.....
Francisco Julio Xavier, *Examinador*.....

Operações, Anatomia topogr. e Apparehos.
Partos, Molestias das mulheres pejudas e paridas, e
dos meninos recém-nascidos.

VI — ANNO.

Thomaz Gomes dos Santos.....
José Martins da Cruz Jobim.....
Manoel Felic. Pereira de Carvalho, *Presidente*...
Manoel de Valladão Pimentel.....

Hygiena, e historia da Medicina.
Medicina legal.
Clinica externa, e Anat. pathol. respectiva.
Clinica interna, e Anat. pathol. respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

Francisco Gabriel da Rocha Freire.....
Antonio Maria de Miranda Castro.....
José Bento da Rosa.....
Antonio Felix Martins.....
Domingos Mar. de Az. Americano, *Examinador*...
Luiz da Cunha Feijó, *Examinador*.....

} Secção de sciencias accessorias.
}
} Secção medica.
}
} Secção cirurgica.

SECRETARIO.

Dr. Luiz Carlos da Fonseca.

AOS MANES DE MEOS PAES
O CIRURGIAÕ LUIZ JOZE DA COSTA,

D. FRANCISCA TEREZA DE JESUS COSTA,

Tributo d'amor filial e de saudade.

A MEO ESTIMAVEL IRMAÕ
O Sr. ANTONIO LUIZ DA COSTA,

A Snra D. ANNA JULIA DA COSTA,
sua esposa.

Tributo d'amor fraternal, d'amizade, e gratidão.

AOS ILLMS. E EXMS. SNRS.

Tenente general FRANCISCO JOZE DE SOUZA SOARES DE ANDREA.
Conselheiro FRANCISCO DE PAULA DUARTE.
Conselheiro JOZE FELICIANO DE CASTILHO.
ADRIANNO ERNESTO CASTILHO DA SILVA.

e em particular

Ao Illm. e Exm. Snr. JOZE MARIA DO AMARAL.

Tributo á honra, e ao merito.

A todos os meos Amigos que tomárão parte em meos males, provenientes do attentado de que foi victima; e particularmente

AOS ILLUSTRISSIMOS SENHORES DOUTORES

MANOEL FELICIANO PEREIRA DE CARVALHO.

ANTONIO DA COSTA.

a cuja indisputavel capacidade medico-cirurgica sou devedor de minha segunda existencia.

Ao Illm. e Exm. Snr. General FIRMINO HERCULANO DE MORAES ANCORA,
em cuja casa recebi os cuidados e disvellos de um pae carinhoso,

Ao Illm. Snr. Capitão de fragata honorario CANDIDO JOZE DE VICTORIA,
em cuja casa ainda estou convalescendo.

Tributo de gratidão, d'amizade; e homenagem á illustração cirurgica brazileira.

AOS MEOS AMIGOS EM GERAL; E COM ESPECIALIDADE

Aos Illms. Srs.

Dr. ANTONIO JOZE RODRIGUES CAPISTRANO.

Dr. JOAO FERREIRA BAPTISTA.

Dr. ANTONIO JOZE PEREIRA DAS NEVES.

Dr. AMARO MANOEL DE MORAES.

Dr. ANTONIO FELIX MARTINS.

Dr. VERIATO BANDEIRA DUARTE.

Dr. DOMINGOS D'AZEREDO COUTINHO DUQUE ESTRADA.

ANTONIO JOZE VICTORINO DE BARROS.

Capitão Tenente FERNANDO LAZARO DE LIMA.

Tenente Coronel JOZE JOAQUIM DO COUTTO.

Capitão d'ingenheiro ANTONIO PEDRO D'ALANCASTRO.

BENTO JOZE DE CARVALHO.

FELIZARDO JOAQUIM DA SILVA MORAES, meo mestre.

Tributo de uma sincera amizade.

—

A's Illustrissimas e Excellentissimas Senhoras

D. RITA CANDIDA E BRITO DE VICTORIA.

D. MARIA BARBARA DE MORAES ANCORA.

D. JULIETA ZENAIDE DO COUTTO.

D. FRANCISCA JUSTYNIANA DE BARROS.

D. LUIZA FAUSTA D'OLIVEIRA COSTA.

D. MARIANA VICTORIA GUTIERRES DE FIGUEIREDO LIMA.

D. EMILIA MAGDALENA FERREIRA LIMA.

D. RITA CANDIDA VIEIRA.

D. HUBERTA JULIA MEIRELLES D'ALANCASTRO.

D. MARIANA CECILIA DE SOUZA MEIRELLES.

Tributo d'amizade respeitosa.

INTRODUÇÃO.



Vamos fallar d'amor; d'esse manancial de prantos e prazeres; d'essa fonte de risos, e de dôres, onde as gerações, umas apoz outras, vem molhar os labios! Vamos fallar d'amor, dessa divindade da melhor quadra da vida, e de quem no desfolhar da idade, o homem se despede com uma lagrima de saudade! Amor! delicioso sentir! Canteiro de venturas, e infortunios, palavra de magica harmonia, que echôas em nossa alma, como a esperança em hora d'agonia! Quem, quem deixará de querer-te? Tu roubaste ao céo sua ambrosia para derramal-a na terra, tu esmaltas e douras a cadea que nos prende á galé; e se tu não fôras, os homens renunciarião a vida de amargores! Paixão divina, somos teu filho, e bem quizeramos mostrar-te ao mundo tal como sabiste das mãos de Deos, e revindicar teos direitos esquecidos por uma má civilisação: e mostrarmos como medico, a tua utilidade ao homem.

Talvez pareça extranho que houvessemos escolhido uma paixão, e sobretudo o *amor* para objecto de nossa Theze; mais tivemos para isso razões; que vamos procurar fazel-as sentir aos que nos lêrem.

Desde o primeiro homem, e a primeira mulher o amor tem sido a paixão mais importante da humanidade; sempre mobil das suas acções mais indifferentes, sempre lar de seos votos mais ardentes, esta paixão tem sido o agente claro ou occulto de todas as producções humanas, e estamos certos que, quando com o volver dos seculos o mundo tiver fim, a sua ultima estatua, ou o painel inda fallará d'amor. E com effeito tudo no mundo parece animado por esta paixão, os homens mais illustres d'ella se tem occupado; os Staël, os Rousseau, os Byron, os Bernardin de St. Pierre, os Voltaire, a poesia, a arte d'Apelles, e de Phidias não parecem inspiradas senão por Deos e amor; e toda a creação não parece existir senão para elles; assim podemos ver os animaes, nas épocas dos seos amores, tornarem-se mais bellos, e tornar mais salientes suas qualidades; os passaros por exemplo, redobram de harmonia, e aquelles que se tornão distinctos por suas cores, cobrirem-se com as mais bellas plumagens, e como que alardearem com ellas, fazendo róda com as suas caudas, ou estendendo as azas, etc.; as plantas quando se perpetuão por suas flores, e fructos cobrirem-se das mais bellas folha-

gens, adquirirem toda a sua perfeição, e os caracteres invariáveis que as distinguem: enfim como diz Dirceo:

Não rullhão, ternos pombinhos?
E rullhão, Marília, em vão?
Não se affagão com os biquinhos?
E a provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
Todos amão: só Marília
D'esta lei da natureza
Queria ter izenção?

Já vis-te minha Marília
Avezinhas que não fação
Os seusinhos no verão?
Não vão cantar-lhes defronte
Do molle pouzo em que estão?
Todos amão: Marília
D'esta lei da natureza
Queria ter izenção.

Se os peixes, Marília, gerão
Nos bravos mares, e rios,
Tudo effeitos d'amor são:
Amão os brutos impíos,
A serpente venenosa,
A onça, o tigre, o leão.
Todos amão: Marília
D'esta lei da natureza
Queria ter izenção.

Para darmos mais razões em favor de nossa escolha, basta abriremos a historia, e mostrarmos que uma paixão que incendiou Troya, que entregou a Iberia aos Mouros, que causou a conquista d'Athenas pelos Turcos, que chamou os Gaulezes as portas do Capitolio, que deo a Britania aos Saxonios, que ensanguentou a Italia com as facções Guelfa, e Gibelina, que fez a separação da igreja anglicana, etc., etc., que levantou os jardins de Babilonia, que elevou o soberbo tumulo de Mausolo, devia ser a primeira paixão humana, e a lei universal que regesse o mundo: e de necessidade assim devêra ser, a acreditarmos nos escriptores da igreja: Deos amou, e foi para objecto do seu amor que creou o universo (1), e seria faltar á sua eterna sabedoria, deixar de marcar a sua obra, com um signal que revelasse a sua divina origem.

Estas pequenas considerações sobejarião para um philosopho; mas para o medico, erão mister outras que tivessem relação mais immediata com o homem: vejamos pois se a poderemos fazer.

A natureza (2) creando os milhões d'especies de seres organisados que povoão a superficie da terra, seguiu uma escala decrescente desde

(1) Genoude.

(2) A palavra *natureza* tem para nós o valor d'aquillo que não podemos explicar: ou é para nós synonymo de Creador, Deos, etc.

o homem caucazico até aos corpos brutos, variando as diferentes especies, dando a cada individuo uma organização propria, accommodada ao destino que lhes marcava na republica universal; assim o homem destinado a ser seo ministro, a estabelecer a ordem, e a harmonia na nossa esfera, teve a razão por partilha, a par da organização mais perfeita, foi creado o mais nervoso de todos os animaes, omnivoro, cosmopolita, etc., para se accommodar a seos diferentes empregos; em quanto que os animaes, e vegetaes precisão certos, e determinados alimentos, lugares, temperaturas, etc. Comtudo inda que tão extremados em suas funcções, estes seres se aniquillarião mesmo pela sua mutua acção, e o universo, cuja formação havia custado seis dias a Deos todo poderoso, teria a duração de um dia, de um instante: era pois preciso, que uma força conservadora, e reproductora lhes fosse dada para que elles curassem de si, e reproduzissem as maravilhas da fecunda mente divina; e os instinctos da conservação e de reproducção forão dados a estes seres, tornarão-se lei de todo o organismo. E' d'estes instinctos que nascerão a maior parte das paixões humanas; paixões que nos vegetaes, e nos animaes têm analogias.

Nós não pretendemos com isto dizer, como Diderot: “ Que entre o
“ homem, e o seo cão não havia outra differença mais do que a vesti-
“ menta (1); ” porque sentimos todo o valor do que devemos á Divinidade, porque nos fez intelligentes; porêm accreditamos que ninguem deixará de achar analogias, entre a planta que busca o terreno humido, que foge á sombra para apanhar algum raio do sol, e o tigre quando accommette, o camello quando adevinha o simum do deserto, e o homem quando procura curar-se. Sendo assim, quem será o depositario d'estes instinctos?

Nenhum dos tecidos, nem systemas animaes poderia ser encarregado d'estas funcções senão o systema nervoso, é elle que acompanha a natureza em todas as variedades de sua criação, e que mesmo nos corpos brutos se deixa ver, nos veios brancos que alguns nos apresentam, como as pedras, os marmores, etc.: veios que em outros têm, não só a cor branca, como azul ou encarnada, querendo nos assim indicar os trajectos de uma arvore nervosa, venosa e arterial. Ora sendo o systema nervoso o depositario d'estas leis do organismo, e sendo as paixões a expressão d'ellas, é o seo estudo, a sua physiologia uma necessidade para o medico. Eis justificada nossa escolha, quanto ás paixões; porque quanto ao amor... quem nos criminará de a termos escolhido? Se nos quizeramos justificar a este respeito, bastar-nos-hia, repetir as palavras de Bernardin de Saint Pierre: “ Quem quizer aprender a natureza humana, estude a do amor; e
“ verá nascer todos os sentimentos (paixões) de que tenho fallado:
“ e uma multidão de outros que eu não tenho, nem tempo, nem o
“ talento de desenvolver (2). ”

(1) Vida de Seneca.

(2) Estudos da natureza,

Eis as razões que houvemos para fazer do amor objecto de nossa Theze, outras muitas ainda concorrerão para que não abandonassemos esta ideia, que era : reunirmos o util ao agradável, e deixarmos senteiros muito pisados para abrir, ou trilhar um novo; infelizmente não podemos contar em nós para o tratarmos saptisfactoriamente; contudo, inda que scientes de nossa fraqueza, procuraremos vencer as syrtes onde muitos têm encalhado, e faremos por não principiar como Voltaire a dizer : “ Que o amor é um estofo da natureza bordado pela imaginação, ” e não o imitar terminando : “ Que o amor em um paiz d’atheos faria adorar a Divindade (1). ” Seremos sobretudo francos na maneira de comprehendermos esta paixão, sem que nos importe o juizo d’aquelles que não queirão entrar em nossas vistas. Affoita-nos a consciencia que temos, de que somos conhecidos de nossos mestres, a cujo juizo unicamente nos submettemos; e a certeza que temos, de que continuar-nos-hão sua indulgencia, de que nos derao uma prova evidente, quando no verdor de nossa idade, contando mal vinte annos, nos confiarão um diploma de cirurgião, para curarmos da vida de nossos semelhantes.

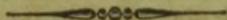
(1) Diccionario philosophico.



CONSIDERAÇÕES

SOBRE

O AMOR.



Amor segundo Constancio, é uma palavra derivada de *am* ou *me*, que em muitas linguas quer dizer *mãe*, com a desinencia *or* de *ruo* ou *irreo* que significa *correr com impeto*: nós a herdamos do latim *amor*.

Tomada em uma accepção geral, esta palavra quer dizer: *apego affeição, inclinação*, etc., assim se diz: amor ás letras, ás armas, ás artes, etc. Empregada porém na força de sua significação: é um ardente affecto para um objecto que se tem em alto preço, ou alta estima: é assim que se póde comprehender o amor de Deos, ou a Deos, o amor materno, etc., e o amor de Magdalena, de quem Sancta Theresa dizia: “Muito será perdoado a Magdalena peccadora, e penitente, porque muito tem *amado*.”

Ouçamos Genoude: “Deos não existia só, tinha um filho, e da sua união com seo filho procedia uma terceira pessoa, que era o Espirito Sancto ou o *amor* (1).” Que concluiremos? Que o amor é um affecto casto, e puro, votado a um objecto que alto se estima, como Magdalena estimava a Deos, e como Deos a sua obra.

Quando porém o amor reúne individuos de sexos differentes, este sentimento deixa de ser tão puro, e casto como acabamos de expôr;

(1) Nova exposição do dogma catholico.

a sensualidade, isto é, a voz do instincto da reprodução, que impelle um sexo para o outro, vem juntar se o ardor ao ardor d'aquelle sentimento, e d'estas misturas d'ações, resulta essa paixão especialmente conhecida por *amor*, da qual vamos tractar. Nós portanto defini-la-hemos: *Um ardente, e sensual affecto para um objecto que alto se estima.*

Distinguimos esta paixão do amor sensual, por signaes, quanto a nós, bem distinctos; e cremos que quem examinar de perto suas emoções, seos modos de sentir, não confundirá dois sentimentos bem extremados, não só por seos effeitos, como por sua moralidade. O amor tem uma acção mui espiritual sobre o homem, e seria injuriar a natureza d'este sentimento confundil-o com a sensualidade tão animal, tão material: bastão as suas illusões tão feiticeiras, seos estasis que arrebatão, e que enlevão, seos gozos que se propagão, e se multiplicão, e as suas recordações!... esses doces sonhos d'alma, essa embriaguez da imaginação que nos retracta o gesto, o andar do objecto amado, que nos faz ouvir sua voz, suas palavras de ternura, que nos faz sentir os gozos que nos derão, para que este sentimento, seja distinguido da sensualidade. As recordações n'esta paixão é quem forma a verdadeira distincção do outro sentimento; o gozo, a parte de mais enlevo no amor, não é o gozo material do objecto amado, é o emprego d'alma, é a mesma estimação quem constitue o seo verdadeiro encanto: olhar, contemplar, adorar o objecto de sua estima, é um prazer que um amante não trocaria, pelos gozos carnaes de uma outra mulher, por mais bella que fosse: em quanto ao sensual, gozar somente gozar, é seo desejo; tamhem em um, os prazeres são como o relampago, apparecem e desaparecem, não passam além dos sentidos; no outro, os prazeres são impressos n'alma, exagerados pela imaginação, e... quem não sabe o que póde a imaginação sobre o coração humano?... Tamhem a sensualidade, não tem as recordações do amor, nem a sua acção avassalla razão e vontade; tamhem a sensualidade, só altera o organismo do homem por seos excessos; em quanto que o amor, mata pela ausencia, pela saudade, como murcha, e morre a flor, pela ausencia do sol, por falta de calor.

Eis como comprehendemos o amor: é assim que Heloisa, Staël e Rousseau o têm comprehendido. “O verdadeiro amor, diz este ultimo, é o mais casto de todos laços: é seo fogo divino, quem purifica

“nossas inclinações naturaes (1).” Platão faz consistir o amor na mistura de duas almas (2). Demosthenes chama lhe sancto (3). Byron diz: “Que é um sentimento que nos vem da Divindade para destruir “nossos grosseiros pensamentos (4).” Que poderemos mais dizer?

Amor é um brando effeito
Que Deos no mundo poz, a natureza
Para augmentar as coisas que creou.
De amor está sujeito
Tudo quanto possui a redondeza
Nada sem este affecto se creou
Por elle conservou
A causa principal o mundo amado
Onde o pae famulento foi deitado,
.
.

Entre as plantas do prado
Não ha machos, e femeas conhecidas
Que juncto uma da outra permanece?
Não estão carregados
Os ulmeiros das vides retorcidas?
Não vedes como padece
Tanta tristeza a rola pela morte
Da sua amada, e unica consorte?
Pois lá no Olimpio a quantos captivou
Cupido, e maltractou?
Melhor que eu o dira a subtil donzella
Que já na sua tela o debuxou (5).

Não foi por certo a sensualidade, que arrojou Leandro ás ondas, que acendeo a fogueira de Dido, que levantou o soberbo tumulo de Mausolo, e que precipitou Sapho do Leucates: só um sentimento elevado pôde dar tanta coragem, tanta magestade, e tanto desprezo da vida. Olhai essa Romana comendo brazas para não sobreviver a seo esposo: seria a sensualidade, quem lhe faria buscar esta morte tão dolorosa? Não haverião mais homens? Com a morte de seo esposo, acabar-se-hia a especie humana? A resposta é clara.

Depois de havermos dito, como entendemos esta paixão, procuremos mostrar a sua utilidade á saude e á civilisação.

Conta uma tradição oriental, que satanaz encontrando o homem a dormir, depois da creação procurou desapreçoar a obra de Deos;

- (1) Nova Heloisa.
- (2) Do Banquete.
- (3) Elogio d'Epierat.
- (4) Giour.
- (5) Eglogas, Camões.

e percutindo-lhe o peito, e achando-o vasio, introduzira n'elle as paixões.

O pensamento que deo origem a esta tradição, não podia ser o pensamento de um medico-philosopho, que houvesse acompanhado as paixões em todos os seus effeitos, que estudasse todas as alterações, e modificações, que imprimem ao organismo, e tivesse reconhecido a sua necessidade e importancia na vida humana; para isso, basta entrarmos em nós mesmos, e vermos estes movimentos espontaneos que sentimos, a falta de quietação, este anhelito d'occupação com que vivemos, para concluirmos: que a vida, a não ser um sonho, como antigos philosophos accreditarão, é n'estes desejos, é n'estes movimentos, que ella verdadeiramente consiste. As paixões são para o homem, como diz Plutarco, o que são para os navios os ventos: e com effeito, são os aguilhões de sua intelligencia, os motores de seu organismo, e a expressão de suas necessidades: sem ellas, sem estas vozes interiores que o despertão; o homem permaneceria stacionario, seria um automato, incapaz de ser collocado á frente dos seres vivos, incapaz de dominar sobre a terra (1), e de lhe ser confiada uma missão immensa e grandiosa como lhe foi confiada pela natureza. Os stoicos... não houverão Heraclitos, e Democritos? Que importa que houvessem stoicos? O pensamento humano é tao poderoso, que elle se aniquilla algumas vezes a si mesmo. “Um homem, diz d'Holbach, sem paixões, nem desejos, longe de ser um homem perfeito, seria um ente inutil a si mesmo, e aos outros; e por consequencia pouco proprio para a vida social (2).” Nós cremos como este philosopho, na necessidade das paixões humanas, não só para proveito individual, como para proveito social, porque reconhecemos no homem instinctos, que o acompanhão em qualquer estado, ou idade; que nos seus menores actos se revelão; que se adjudão entre si; e que lhe imprimem movimentos que tendem a um fim digno da faculdade intelligente, que unicamente o distingue dos outros seres vivos. A natureza lançando sobre a terra, o homem nú e inerme, escudado somente com a sua intelligencia, não teve em vista senão excitar-lhe as suas paixões por suas necessidades, para que seus primeiros passos tivessem por guia a luz da razão, para que entrasse de prompto na via de uma ci-

(1) Dominaí sobre os peixes do mar, etc., Genesis, cap. 1.

(2) Moral universal.

vilisação esclarecida : tambem o vimos nós, creado nú, inermes, domar feras, serenar mares, espalhar tormentas, inventar artes, e sciencias, chamar os astros á terra para interrogal-os, investigar as éntranhas da terra, e converter o mundo em um vasto jardim! Tambem o vimos nós, creado mudo, vagabundo, e cheio de rudez, inventar linguagens, reunir-se em tribus, e familias, levantar cidades, fazer leis, adornar a terra com productos de seu engenho, e enche-la de prodigios que rivalisação com os da creação!

Nós como medico, não entendemos paixões, como os antigos as entendião, e como inda modernamente um philosopho distincto, as entende (1); iada que seremos facil em confessar, que a etimologia da palavra seja mais em favor d'elles, do que na nossa. Paixão derivada do grego *pascho*, que significa *eu soffro*, parece mais exprimir um desejo immoderado, a exaltação de um desejo qualquer, do que impulsões, do que forças, que a natureza deo ao homem para poder cumprir sua destinação. Como quer que seja, nós como medico, assim é que as comprehendemos, e que nos pronunciamos em favor d'ellas: somos nisto firmes, porque acompanhamos n'esta intelligencia a medicos, e philosophos mui conhecidos, e ultimamente a um phrenologista (2), inda pouco lido, que soube convencer-nos, pela logica, pela precisão, e clareza de suas ideias.

Partindo d'este modo d'encarar as paixões, ellas se devidem para nós, em duas grandes classes, a saber: paixões de conveniencia ou de desconveniencia á existencia humana, ou por outra: paixões de adhesão, ou de repulsão: o homem adhere áquillo que lhe convem, ou que instinctivamente julga convir-lhe; ou repelle o que não lhe convem; assim ama, tem amizade, por que o objecto a quem ama, parece convir-lhe por este ou aquelle motivo; em quanto odeia, encolorisa-se para outro, porque não lhe convem, por se oppôr a seus desejos, etc.

Todas as paixões humanas concorrem para o mesmo fim que é a civilisação d'especie humana, a sua redempção; para que veio ao mundo o homem-Deos: a sua felicidade e a sua saude deve ser a consequencia necessaria de um tal fim: vejamos pois de que meios se servio a natureza para conseguil-o.

De todos os instinctos do homem, ou da conservação indivi-

(1) De Staël.

(2) Julien le Rousseau.

dual é aquelle, que mais sobre elle predomina; tiranno encastellado no organismo, guardado pelas paixões que d'elle nascem; os sentidos são as setteiras por onde julga dos agentes que obrão sobre o homem, para ou sacrificar-os a seo ressentimento, ou lançar mão d'elles em seo proveito. Atalaia vigilante, nunca desampara o homem, desde o seo primeiro vagido até ao seo último suspiro: acompanhal-o sempre, quer na vigilia, quer no somno, quer nos perigos, quer nas doenças, quer no ramanso da paz, escoltado pelas paixões que d'elle derivão, e que muitas as vezes não só servem para protegel-o, provendo as suas necessidades, comê lhe servem d'instrumento a seos caprixos. O recém-nascido que com o vagido pede alimentação: o infante que no berço procura appropriar-se de tudo que vê para levar á boca, e que ehora esfregando as perninhas, e batendo com os bracinhos, porque não póde, ou porque lh'o vedão; é já o esboço d'essa influencia poderosa, que tem de acompanhar todos os passos, e actos de sua existencia.

Inda que de todas as idades, é comtudo nas primeiras e nas ultimas, que o instincto de que fallamos, tem no organismo, um dominio absoluto: na infancia o homem não parece ser movido senão por seos desejos corporaes, toda a sua vida parece haver-se concentrado nas vias digestivas; seos gritos, e suas lagrimas só pedem alimentação; apenas um sorriso para o auctor de seos dias, apenas um estender dos braços para a mãe que o festeja, mostrão que em seo fraco individuo, se vae desenvolvendo o reconhecimento e o amor. Na velhice, tudo é personalidade, tudo é interesse individual; o organismo como que sciente de sua fraqueza, e não tendo, como na infancia, a esperar do futuro, é avaro de toda a sua seiva de vida, concentra toda a força vital em seo individuo; separa seos interesses sociaes para viver só para si: é a idade d'avareza, do egoismo, das impertinencias, etc.: em quanto as idades medias, são as idades que desenvolvem todos os dotes de sua alma; então o homem parece derramar-se, por assim dizer, entre seos semelhantes, a sua intelligencia adquire todo o vigor, as paixões exhalantes desenvolvem-se; e a sua alma parece espalhar-se, e communicar-se a todos os objectos, que estão fóra d'elle: são as idades do amor, d'amizade, e das paixões generosas, são as idades das illusões, dos sonhos, em que os mezes nos parecem

dias, e os dias instantes! São estas idades que constituem o Eden de vida. ✱

N'esta quadra, este instincto cede um pouco de sua influencia, para dar lugar aos outros instinctos; contudo sua voz, inda que não tão imperiosa, não é muda, é mesmo bastante poderosa para abafar as vozes dos outros instinctos, quando compromettão, ou ponhão em perigo o organismo, que elle tem em sua guarda: deve por certo ser uma grave lucta, aquella em que este instincto procure suffocar vozes d'instinctos, já poderosas por si mesmo, já por habito, e educação! Mas tal é o poder d'este sentimento protector dos dias do homem, que faz emmudecer as paixões mais generosas, calar-se os affectos mais nobres, e cessar os sentimentos mais piedosos! A historia gotteja sangue, quando falla do cerco de Pariz e Jerusalem, por Henrique IV, o por Tito; e o coração se aperta de horror, ao ler os crimes praticado por este instincto feroz e sanguinario: felizmente a civilisação promette não termos que marcar as epochas da humanidade com iguaes quadros.

Este instincto é innato no homem, é um principio reactor de sua organisação, para luctar contra a morte: é a força medicatriz da natureza, que nas doenças o impelle a curar-se, e busca eliminar o agente malificante. Nascem d'elle as paixões mais energicas, e violentas, que arrastão o homem algumas vezes aos maiores crimes: a antropophagia, o roubo, o assassinio, o odio, a colera, etc., todas essas paixões ferozes, que assemelhão o homem no estado primitivo ás fêras; são meios de impulsão, ou de repulsão nascidos d'este instincto para manter, conservar, e proteger sua existencia. O! Quanto melhor fôra que nossos interesses nunca se encontrasse! “ Não bastava, diz Alibert, que o homem fosse exposto na terra, aos terriveis choques dos elementos que o envolvem, que fosse diariamente á mercê dos ventos, do raio, e de mil accidentes imprevistos, que tornão sua existencia tão precaria; era preciso tambem, que elle fosse forçado a fugir seo semelhante, que encontrasse assassinos nas matas mais pacificas, e isoladas, e que fosse muitas vezes derrubado por aquelle, que é feito á sua imagem, e a quem as mesmas têtas hão prodigalisado o mesmo leite (2).” Nós não achamos assassinos nas matas, achamos um, em

(1) Physiologia das paixões.

nosso leite, a quem davamos o nome d'amigo, e a quem como medico, lhe salvamos a vida! E os seus prazeres fizeram no tudo esquecer para roubar-nos, e a conservação de uma reputação de bom homem, tornarão-no assassino! Felizmente para a nossa moralidade, e a nossa civilização estes exemplos são poucos, ou talvez unico, para que nós tão confiantes, e francos aprendessemos a ser mais cautelosos. Seja-nos desculpado havermos fallado de nós: soffremos muito: inda não terminarão nossos soffrimentos, para que involuntariamente deixassemos de dar um *ai*.

Organizado da maneira que expozemos, o homem não podia ser feliz: conservar-se-hia sempre na ferocidade, em que vemos permanecer as outras especies animaes: não desenvolveria os raios de sua intelligencia: deixaria de chegar á uma civilização, que só podia dar-lhe a felicidade, nos prazeres da paternidade, do saber, da gloria, e de todos os gozos annexos á sociedade: era pois necessario, que no homem houvessem instinctos, que o arrancassem á sua pessoa, que o fizessem viver fóra de si, que o distrahissem d'esse amor de si tão prejudicial á sua mesma existencia: era preciso um outro ser, feito á sua imagem, um ser modelo de graça e belleza, cheio d'encanto, e de attractivos, que excitasse esses instinctos: era ainda preciso, uma paixão que unisse estes dois seres, para que sua acção harmonica fosse mais prompta e... o Creador deo ao homem os instinctos da reprodução, imitação, e relação, formou a mulher, e com ella o *amor*. Não podemos furtar-nos ao prazer, de transcrever aqui a bella lyra do nosso poeta distincto J. Bonifacio, a que elle deo o nome: *Creação da mulher*.

Já tinha o mundo Jove formado, E rei de tudo O homem criado,	Florido o valle Reverdecia. De aromas mil O ar se enchia.	No solio eterno Jove sentado, Então aos deoses Falla pauzado:
Mas solitario Este se achava: Brusca tristeza O dominava.	Manhan serena Leda brilhava: Manto d'estrellas A noite ornava.	" Mortal soberbo C'o intendimento, Sondar pretende Misterios cento.
Com mão profuza A natureza. Em vão mostrava Sancta belleza!	E todavia Qual duro tronco, O homem jazia Sisudo, e bronco.	Só, pensativo Se desalenta: Do mundo inteiro Nada o contenta.
Cantavão aves, Bulia o vento: Tudo infundia Contentamento.	Covas escuras, Matta enredada, N'ellas fazia Sua morada.	Eu distraill-o Quero piedoso, Beba sua alma Nectar gostoso. "

Forma então jove
Nova creatura;
De Venas bella
Fiel pintora.

Esbelto talhe,
Meneio brando,
Mil amorinhos
Vão rebanhando!

De ouro madeixas
Ao vento soltas,
Ameigão fêras,
Que andão revoltas.

Os cupidinhos
Dos verdes olhos
Duros despedem
Settas aos molhos.

Covas da face
Branca e rozada,
Vós sois das graças
Gentil morada!

Vozes suaves,
Que as almas prendem,
De fio em fio
Dos beijos pendem.

Ah! são seos labios
Fontes da vida!
Em neve pura
Roman partida!

As alvas têtas
De marfim puro,
Ah! são mais rijas
Que cristal duro!

Carne mimosa
Que a vista enleva,
Onde o desejo
Em vão se ceva!

Ao vêl-a o homem
Pasma, e estremece!
Quer abraçal-a
Corre, enlanguece!

“ Quem es, es deosa?
O homem lhe grita,
Ah! se podesses
Trazer-me dita? ”

Ella responde:
Sou tua espoza;
Deixa a tristeza,
Ama-me e goza.

Vejam os seos contornos, têm esta distincção particular, seo rosto tem as linhas mais perfectas, as cores mais vivas, e uma expressão doce e angelica; seos olhos são cheios de langor, sua voz cheia de meiguice, e de affago, seo corpo flexivel, e elegante, seos membros roliços, e torneados, sua pelle pouco velluda, e assetinada, o andar pouco firme, e gracioso; todos os seos gestos brandos, e delicados. Sua organisação inda que semelhante á do homem, todos os seos órgãos appresentão differenças muito sensiveis, quer em volume, quer em contextura; seos ossos são mais humidos, seos musculos menos vermelhos; seos vasos de menos calibre, seos nervos mais soltos, seo tecido cellular mais laxo, e abundante, todas as visceras mais pequenas, mesmo o cerebro é menos volumoso, e sobretudo mais desenvolvido na parte posterior, em quanto que no homem é mais desenvolvido na parte anterior (1): seo temperamento é ordinariamente o limphatico e nervoso.

Esta disposiçào particular d'organismo da mulher, este estado quasi

(1) Os phrenologistas dão na parte anterior do cerebro os órgãos reflectivos, e na parte posterior os órgãos affectivos.

rudimentar dos systemas animaes, são disposições felizes, para que seo organismo possa receber a influencia de um orgão, de que inda não fallamos, que é o utero. A mulher tem uma vida propria, n'este orgão, que modifica e altera todas as funcções da economia, e que mesmo predomina a vida geral que a anima; vida, que é mantida pela extrema sensibilidade, de que este orgão é sede, e cuja sensibilidade, é entretida pelo estado de fraqueza do resto do organismo. E' para conservar este estado debil da economia, que as hemorragias mensaes forão dadas á mulher (1); ellas são como que o tributo de vassalagem, com que organismo reconhece o dominio do utero, se colloca em sua dependencia.

D'esta vista d'olhos physiologica, facil é concluir qual deva ser o instincto, que deve predominar na mulher; a reproducção é para ella uma necessidade mais urgente do que no homem; por isso, que não tendo em seo organismo um excitante como o homem (o sperma), e precisando mais que elle d'esse excitante, já pela fraqueza do organismo, já pelas perdas mensaes, é da ultima necessidade, pôr em exercicio o systema uterino, para com a excitação d'este, animar o resto do organismo. Nós todos os dias presenciámos, os effeitos de continencias prolongadas em nossas donzellas: a chloroze, que é ordinariamente a enfermidade que as accommette, e que muitas vezes resiste ao tratamento mais bem dirigido, cessa por encanto dos primeiros dias de um noivado que, o medico, muitas vezes a medo, tem aconselhado. E' pois o instincto da reproducção, o instincto femil por excellencia..

N'esta voz de seo organismo, é que a mulher tira esse compendio de paixões exhalantes, que constituem suas verdadeiras gallas, e que a fazem ser o mais bello ornamento da sociedade; o amor, a benevolencia, a affabilidade; todas essas paixões, que vemos appresentarem em suas relações publicas, e domesticas: todos esses gostos de que os homens riem, como são: o amor aos enfeites, a tudo que é brilhante, o desejo de agradar, o amor aos louvores, etc.; são movimentos d'este instincto que convergem todos para seo fim especial. A mulher é um composto de paixões ex-

(1) E' uma idéia que talvez não possamos defender; mas é uma convicção nossa; e a não ser verdade isto que pensamos: para que servirá os menstros? Responda-nos sem nos dar a desculpa do "estado actual da sciencia."

halantes, que a impelle a viver pegada ao homem, como a trepadeira a um tronco; não tendo senão um fim em sua existencia, ella emprega todas as forças de sua alma, converte todos os seus affectos, algumas vezes os mais extranhos, em conseguir esse fim, sem mesmo attender á sua conveniencia individual.

Todas as paixões conservadoras, que como dissemos, predominão no homem; são secundarias na alma da mulher: seo organismo por sua fraqueza, mesmo para poder preencher o fim, para que ella foi formada, não podia sentir essas paixões energicas, sem que a sua mesma conservação fosse compromettida. As Zenobias, as Semiramis, que endossarão couraças: as Borgias, as Fredegondes, as Brunéhauts, as Margaridas de Borgonha, as Joannas de Napoles, cujos nomes recordão crimes horriveis; não são a mulher que formou a natureza para amiga, e consolação do homem: são organizações masculinas, que trouxerão por engano órgãos sexuas feminis; tambem forão ellas, mais devassas do que ternas, mais libertinas do que amantes.

O que dizemos da mulher moral, podemos dizer da mulher intellectual: ella foi formada para sentir como o homem foi creado para pensar (1): superior a elle em sagacidade, e promptidão em comprehender, é comtudo muito inferior em raciocinio, e reflexão: aquellas que tem apresentado uma intelligencia superior, têm sido sempre á custa de suas qualidades feminis: Izabel d'Inglaterra, Christina da Suecia, Catharina da Russia, forão bem pouco amantes; fallão por nós o cadafalso do conde d'Essex, o punhal de Maldoneschi, e o exilio de Potemkim. Mas o que constitue a verdadeira feminidade da mulher, é a sua susceptibilidade em amar: “ O amor, que como diz um distincto poeta inglez (2), é um episodio na vida do homem, é uma vida inteira na mulher ”: todas as outras paixões, mesmo affectivas, são como que os enfeites do quadro que elle só preenche. A mulher ama por instincto, ama porque deve amar, por um movimento involuntario, que nem ella, nem ninguem pôde impedir; todos os seus actos, todas as suas qualidades têm um reflexo d'esse sentimento: “ O coração da mulher, não mora descansadamente no peito, como o nosso, por toda a sua alma esvoaça d'amor, perdido d'amor, gemendo

(1) Os homens pensão; mas as mulheres sentem melhor; de Maricá.

(2) Biron, D. João.

d'amor, como uma ave mãe e feliz, por todos os ramos de um bosque da primavera: sente-se-lhe o fremito das azas, ouve-se-lhe a harmonia em tudo quanto diz, em tudo quanto cala, no que faz, ou deixa de fazer, no que pensa ou recorda ou espera, nas lagrimas, e no riso, no enfado e no contentamento, na vigilia, e no somno (1).” Não ha dia entretanto, que nós não riamos de as vermos chorar por um cãozinho, ou por outro animal, que ellas afficçãoem, e comtudo é a este amor que a mulher exhala sempre, que a faz aprazer em consagrar-se, e dedicar-se, que nós devemos os melhores momentos de felicidade! Ingratos! Assim se esquecem do que devem a sua mãe!

Em todas as quadras da vida, a mulher se distingue do homem, pelo maior desenvolvimento de paixões exhalantes: na infancia, quando os dois sexos se assemelham por seos caracteres phisicos, a mulher é mais risonha, extranha menos, é mais sensivel aos affagos: na meninice, não tem a inquietação do homem, nem os seos jogos, nem as suas inclinações, em vez de cubrir-se com uma barretina de papel, de fazer de um páo espingarda, entretem-se dia e noite com uma boneca, a quem dá o nome de filha, falla-lhe como se animada fosse, etc., etc.: na juventude, isto é, quando se veste de graças, quando as rosas vem manchar-lhe as faces, o garbo adornar-lhe o corpo, e o sentimento alumiar-lhe os olhos: oh! quanto amor não exhala a mulher! Então, desabroxaõ todas as paixões até alli em botão, que lhe dão um espirito angelico, que a devinisaõ, que a faz adorar de joelhos! Então, torna-se esse ente prestigioso, cheio de poesia, que enche a imaginação humana, que se lhe imprime n'alma, ou para melhor dizer, que se mistura á sua alma, que se envolve em uma atmosfera d'amor, como o sol de luz, como de aroma a rosa.

E então da especie na porção mais debil,
Mais fragil, foi cahir todo esse raio
De formozura! E então para compendio
De bellezas e encantos escolheste
Natureza a mulher! De quem teo cofre
Rico de mimo, e graças confiaste!
Nossos prazeres todos, nossos gostos,
Consolações, allivio em magoa, amparo
Na infancia, encanto na juventude, e arrimo
Na velhice, de ti mulher, nos partem.
Concedel-os tu só, ou nol-os negas (2).

(1) Castilho, Primavera.

(2) Garret, D. Branca.

A este modo de ser da mulher, está ligada a funcção mais importante de sua vida a *maternidade*; e não é nunca sem se ver privada das doces emoções d'esse sentimento, que ella adquire os attributos do outro sexo: Licurgo querendo fazer das Spartanas varões, na robustez dos membros, e nos costumes: endureceo-lhes o coração, tornou-as quasi esteris, fel-as madrastras, e privou seos concidadões dos beneficios de uma civilisação, que produzia em Athenas, os Socrates, as Aspacias, os Pericles, os Aristides, etc., etc.

Todos os medicos, que temos consultado, Rostan (1), Cabanis (2), Capuron (3), são concordes em reconhecer no dominio do utero; não só a *faculdade reproductora* da mulher, como o desenvolvimento de suas graças e formozura, e a sua inclinação para amar: alguns mesmo, para melhor carecterisar este dominio do utero, tem designado debaixo do nome *temperamento uterino*, esta disposição especial do organismo da mulher; e que nossas velhas costumão indicar, dando ao utero o nome de *mãe do corpo*: nós medico ha 12 annos, temos tido muitas occasiões de observar, quanto este dominio é mesmo absoluto, e se quereis observar por vós mesmo: suspendei a uma mulher o fluxo menstrual: e vereis apparecer congestões, hemorragias, inflammações, que muitas vezes não cedem, sem o apparecimento d'esse fluxo; e que quando por qualquer circumstancia não se possa restabelecer, ou a faz succumbir, ou a condemna a um viver d'hysterismo, de inflammações, etc. Notai ainda mais, que a mulher quando engravidece, nutre e engorda; e que durante a aleitação concebe com mais difficuldade. Ora que explicação terão estes factos? No primeiro, vemos um organismo supraexcitado, buscar alliviar-se de uma nutrição excessiva, e o utero pelos esforços que faz para reaver seo dominio, reagir sobre o cerebro, e produzir o hysterismo: no segundo, vemos, o organismo ter como que em deposito esse excesso de nutrição para alimentar o feto: e para esse fim os menstros ordinariamente se supprimem: e no terceiro, o utero como que sciente da necessidade de forças, que tem o organismo, para a aleitação de seo producto, ceder de seo dominio, não exigir o

(1) Hygiena.

(2) Relação do physico e moral do homem.

(3) Doenças das mulheres.

tributo mensal; e então não é raro ver-se, junctar uma boa nutrição á difficuldade de conceber.

Quando porêm, a mulher se accomoda com a existencia excepcional de uma suspensão menstrual: então seo organismo toma todos os caracteres do homem: seos traços se assentúão, sua voz torna-se grave, seos membros enrobustecem, sua pelle torna-se velluda, e muitas vezes seo mento se cobre de pellos. Nós somos, a 7 para 8 annos, medico de uma senhora, em quem temos visto todos estes desvios de sua organisação: e muitas vezes nos tem assegurado, que ha mais de 18 annos que ella é esteril.

A' vista d'estas considerações, cremos poder concluir, que a mulher foi formada para a *maternidade*, e para modificar pela doçura de suas paixões a violencia das paixões do outro sexo, e inspirar-lhe *amor*: somos levados a assim accreditarmos, por uma reflexão mui simples. De todas as especies animaes, a humana é aquella em que a femea, é mais bella do que o macho. Que fim teria a natureza fazendo esta distincão? A belleza causa prazer, que é uma paixão dillatante, e exhalante; e as paixões d'este genero, são ordinariamente salutiferas e sociaes: era pois, uma conveniencia individual, que a natureza quiz que o homem sentisse á vista da mulher: era pois, um incentivo que a natureza pôz entre os dois sexos, para que a sua aproximação não fosse obra sómente do instincto reproductor, como nas outras especies animaes. A belleza, nós todos os dias o sentimos, é o poder maior da mulher: ai d'aquella, quem falta este dote! Cedo se verá esquecida! Ellas o sentem; e não é de balde que ellas são tão vaidosas.

Ao touro deo corneas pontas
A próvida natureza,
Deo á lebre a ligeireza,
E a dura pata as corcel.

A voar insina as aves,
A nadar ao peixe mudo;
E deo ao leão sanhudo
O dente destruidor:

Aos homens deo a prudencia;
A mulher não pôde dal-a...
A cazo quiz desherdal-a;
Ou então com que a dotou?

Por armas e por defeza
Deo-lhe as fôrmas ingraçadas,
Que o ferro, o fogo, as espadas,
Que tudo podem vencer (1).

O homem, em todas as idades está em contacto immediato com a mulher: na infancia, nas idades medias, e na velhice, a mulher é sempre o seio onde elle desafoga suas lagrimas, o regaço onde descança a fronte ardente de suor, e o seio ultimo arrimo quando se vae dobrando para a terra em busca da sepultura. Qual devia ser o resultado necessario, d'este contacto tão prolongado?

O universo é conservado por uma lei d'harmonia, ou d'equilibrio a que tudo obedece. Nenhum corpo quer bruto, quer organizado, pôde existir muito tempo, sem harmonisar-se com o corpo que lhe está proximo: o homem, o mais harmonico dos seres, em contacto tão immediato com a mulher, não podia deixar de harmonisar-se com ella, para sua propria conservação. A mulher, como acabamos de ver, não pôde elevar-se até ao sentir do homem, porque seo organismo não tem forças, preciso é que o homem busque o sentir d'alma da mulher, como dois instrumentos buscão o mesmo *tom*, para junetos concertarem: esse sentir, esse *tom* d'alma da mulher, nós o dissemos, e o repetimos, é o *amor*.

Fallamos da mulher medicamento, ou para melhor dizer physiologicamente; fallemos d'ella agora philosophicamente.

A mulher tem mais influencia sobre os costumes dos homens, do que eralmente se presume: é um poder que por isso que vem acobertado com a dedicação de uma mãe, e a ternura de uma esposa, encontra menos resistencia da parte d'elle. Formosa, cheia de graça e voluptuosidade, animada pelo amor e o desejo de ser amada; a mulher rodea d'agrado e de encanto, o homem aquem ama, consagra-lhe sua vida, para que elle faça a sua felicidade, e para melhor obrar sobre seo espirito, enche-o de venturas, derraa a toda a sua graça em tudo que os rodea, como um astro radioso colóra e enriquece tudo que recebe seos raios. Como o sol de La Fontaine, não é com as tracções do Boreas, que ella procura apossar-se de seo coração, para lhe impôr sua vontade; é com a doçura de um calor brando, que agrada, que se injecta em seo sangue, que vae substituindo o calor que lhe é pro-

(1) Anacreonte.

prio. “ A mulher, diz Segur (1), é uma segunda alma nossa, que “ corresponde a tudo que faz sentir, etc.” Nós cremos dizer melhor: a mulher é uma metade de nossa alma, que procura assimilar a outra a si, para unir-se a ella; para isso preciso era, que ella fallasse ao pensamento e coração.

Todos os povos, onde as leis vedão á mulher exercer a sua influencia, permanecem stacionarios: os Chins, são ainda o que erão a mil annos: os Mouros, inda conservão sua ferocidade, e mesmo entre os povos d’Europa, onde ellas são mais reclusas, estão em atrazo de civilisação; em quanto em França e Inglaterra, onde ellas formão o melhor ornamento da sociedade, a civilisação marcha apar, apezar da differença notavel no character de seos habitadores. Esta influencia da mulher nas paixões humanas, que se observa nas nações civilizadas, se observa igualmente nas nações selvagens; a menos que, os viajantes que temos consultado, não mintão (2); infelizmente a civilisação para a qual ellas concorrerão tem sido em seo desproveito, e para o provarmos, citaremos o que diz um viajante, respeito as mulheres selvagens Gheyssiquezes: “ As mulheres são de um humor alegre, “ sempre promptas a rir, e a dansar; mas com este character folgasão “ ellas tem este comedimento de costumes, que nas nações policiadas “ chamão sabedoria, e decencia, e que debaixo de um céu ardente, “ e com um temperamento vivo pareceria uma virtude penosa (3).” Compare-as quem quizer, com as mulheres do seculo, que nos faz vaidosos!

“ Os homens serão sempre o que as mulheres quizerem, que elles “ sejam,” escreveo J. J. Rousseau (4), e disse a nosso ver uma grande verdade: o homem primeiro que chegue a seo completo desenvolvimento, e mesmo depois, aprende com as mulheres; ellas são o seo brandão na estrada da vida, e de necessidade o seo calor hade aquecel-os: Voltaire tinha o genio escarnecedor de sua mãe, como os Grachos tñhão a alma nobre da sua: e os seductores são ordinariamente homens polidos, de um tracto agradável e procurado, porque aprendem na escola das mulheres. Cremos nada haver dicto de

(1) Influencia das mulheres sobre os costumes dos homems.

(2) Cook, Lapeyrouse, Le Vaillant, etc.

(3) Le Vaillant.

(4) Emilio.

mais. Voltaire primeiro que nós já havia dicto: “ Que a mulher fôra formada para adoçar os costumes do homem (3).” E quem não quizera errar com elle? Chateaubriand attribue ao Christianismo a civilisação da humanidade; nós não deixando de convir com elle, accreditamos que o Christianismo, rehabilitando as mulheres, tornou-as instrumentos poderosos, não só de conversão, como de civilisação: tambem forão ellas as mais depressa convertidas, e as que mais converterão: S. Agostinho foi convertido por sua mãe.

Esta influencia da mulher sobre os costumes do homem, não é á sua acção individual, que a deve: sem o amor, a mulher seria na terra um bello ornato, que affectaria de passagem os sentidos do homem, e que difficilmente impressionaria sua alma orgulhosa: seria como uma bella flor, de quem se não cura, apenas se lhe não sente o aroma.

O amor é a arma irresistivel da mulher: é elle que a torna prestigiosa na sociedade, que com os disvellos de uma esposa, que com os cuidados de uma mãe... e haverá amor, que iguale ao de uma mãe?! O amor de mãe, só é igual a si mesmo; foi elle quem deo aos homens a ideia do amor de Deos, e quem fez os antigos barbaros accreditarem, que a mulher possuia o espirito divino. Nós quasi assim o cremos, e nem o nosso orgulho d’homem se peja disso, porque quando fosse fraqueza nossa, aprazia-nos a ideia de sermos fracos, para quem foi tão cheia de fraqueza para nós: queremos antes ser Coriolano, do que Nero.

Antes porêm de tratarmos do amor, e de sua acção sobre o systema sensivel do homem, seja-nos permittido fazer uma reflexão. Todas as condições precisas para produzir o somnambulismo, se reúnem na mulher para produzir amor, a saber: predominio do systema nervoso, tracto affectuoso, presença agradável, e sobretudo firme vontade de ser amada: accresce mais, que mulheres ha que não podem tocar em carne ou peixe fresco, sem que elle se altere, sobretudo nas epochas menstruaes; o que quanto á nós é devido, a transmissão d’esse fluido segregado pelo encephalo e transmittido pelos nervos, que forma em torno de cada individuo, uma atmosfera nervosa, como os corpos electrizados, de atmosfera electrica: e então dizemos nós: o amor não será o resultado da troca de fluidos nervosos, entre dois

(1) Dictionario philosophico.

individuos? A lei d'harmonia, e a conformidade entre os effeitos do amor e do magnetismo favorecem este nosso pensar. Como quer que seja, deixamos a outros mais habilitados, desenvolverem esta questão, que nós só tocamos de passagem.

O amor é uma paixão activa, que reúne em si todos os contrarios: ardente, cega, violenta, e irreflectida: é outras vezes doce, vigilante, branda, e cheia de reflexão.

Amor é um fogo que arde sem se ver;
E' ferida que doe, e não se sente;
E' um contentamento descontente;
E' dor que desatina sem doer;
E' um não querer, mais do que querer;
E' solitario andar por entre a gente;
E' um não contentar-se de contente;
E' cuidar que só ganha em se perder;
E' um estar-se preso por vontade;
E' servir a quem vence o vencedor;
E' um ter, com quem nos mata, bondade.
Mais como causar, pôde o seo favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendó a si tão contrario o mesmo amor (1).

Não ha ente sensível, que sob a impressão d'esta paixão, não desenvolva qualidades, muitas vezes diversas, d'aquellas que havia promettido: sentimento elevado, nascido da estimação, elle deve de necessidade tender a elevar o coração, á altura do objecto que o faz nascer: hoje poucos homens amão, e uma das eausas, que concorrem para isso, é a ideia desfavoravel que fazem das mulheres, proveniente da dissolução de que todos os dias são testemunhas. Ah! quanto melhor fôra, que ellas esquecendo essa lei d'igualdade de direitos, que ellas só crearão, se circonevessem ás nobres funcções para que forão formadas, e não procurassem arremedar os homens em seus desvarios! Uma mulher não ideia quanto falta a si mesmo, quando desce a actos indignos de um sexo, que devia ser o espelho de virtudes, tão lindas, como o rosto que Deos lhe deo: se tal ideiasse, se peijaria por certo, de ser a fonte dos vicios mais abjectos.

O amor é uma paixão nobre, que vive de consagrar-se: o dia que um amante pôde fazer um sacrificio; aquelle em que elle pôde dar um signal da paixão de seo peito; aquelle em que elle pôde sacrificar um ou todos os interesses de sua existencia ao objecto de seo amor,

(1) Camões.

é o dia mais affortunado de sua vida. No instante em que esta paixão entra de posse do coração, elle se dá; como se exprimem os amantes: e desde então, não é mais para si que o amante vive, é para o objecto que ama: seos prazeres, seos infortunios, são os prazeres, e infortunios d'elle, esquece-se de si, só para cuidar em sua felicidade, e quizera possuir o thesouro de venturas, para derramal-o sob seos passos, em todos os seos momentos, mesmo em seos sonhos!

As mulheres, que em amor são nossos mestres, dão todos os dias provas d'esse viver exhalante, que constitue verdadeiramente o caracter d'esta paixão: hoje, inda que dominadas por pensamentos errados, ellas inda amão, inda entregão o coração ao homem que soube merecel-o: e em quanto amão, são sempre as amigas dedicadas, e ternas que a natureza deo aos homens. N'esta physionomia do amor, consiste sua nobreza: nada ha de tao baixo, e indigno, como o egoismo, e esta paixão é de todas a menos egoista, e a mais social: Tallien inda que soubesse estar seo nome, no livro de morte de Robespierre, conserva sua innação; e só o perigo de sua amante o faz atacar o tiranno: Bajazet encerrado em uma gaiola de ferro, como uma fêra, soffre pacificamente seo opprobrio, mas á vista do opprobrio de sua esposa, suicida-se: em Roma uma bacchante denunciá as bacchanaes para que seo amante n'ellas se não pervertesse.

Todas as paixões são movidas mais ou menos pelo interesse individual: o amor da patria, da gloria, o fanatismo, etc., são muitas vezes ou desejos de uma ambição ou um interesse pessoal, Napoleon attribúe sua queda á riqueza de seos generaes (1), elle mesmo em sua retirada da Russia, não foi o heroe d'Arcole: os devotos não têm em vista em seo fervor á Divindade, senão uma recompensa futura; só o amor dedica-se, consagra-se á felicidade d'outrem, achando a sua mesma felicidade nas venturas que dá. As mulheres, inda nos podem fornecer provas do que avançamos: quantas não vemos nós, sacrificarem tudo ao homem, que amão, a trocô somente de seos protestos amorosos! Honra, conceito, futuro, tudo é pouco para felicitar o amante que diz apenas, que as adora! E' n'ellas que é preciso estudar o amor; por que como dissemos, sendo elle a paixão dominante de sua alma, nellas póde ser estudado livre do reflexo das outras paixões; em

(1) Memorial de Sainte-Hélène.

quanto no homem, anda sempre d'envolta com interesses caros, a que elle não póde deixar de attender, sem crime de leza-natureza.

Amor! como é doce, e ardente este sentimento! Amor é uma delicia: é uma doce e triste melancolia: é ter saudades, mesmo em presença de quem amamos! É um sentimento que traz em si mesmo toda a sua felicidade, e que se alimenta em seos proprios desejos: é um perfume que s'eleva de nossa alma, que como o somno da manhã, embriaga os sentidos, e nos emballa em uma rêde vaporosa! Quem não amara, para morrer assim? A morte seria então tão cheia de voluptuosidade, como a morte buscada por Cleopatra na boca do aspide!

Que differente quadro nos presentão
Dois puros coraçõs d'amor accesos,
Que um para o outro como nós respirão,
E a meigas sensaçõs só se abandonão!
Longe o negro pezar, eculeo d'alma!
Em torno d'elles ri-se a natureza!
O céo chove seos dons, pula a alegria.
Quantas vezes á sombra d'estes myrtos
Reclinando no molle teo regaçõ
Minha cabeça, e soffrego fitando
Teos lindos olhos, unicos meos deoses,
Beijando a nivea mão com que me affagas,
De teos labios pendi immoto e quedo!
Em mares de prazer a alma engolphada,
Cri ver a terra rebentar-me em flores,
Cantando festejar-me as avezinhas,
Os ventos murmurando d'invejosos,
E luminoso genio em nuvem d'ótro
Sobre nós despargindo idalias rosas!
Então mudando ser, o pensamento
Em ti fixava, em extasi pensando,
Que o mando fica alli não vae mais longe (1)!

A sensibilidade é por sem duvida a mãe d'este delicioso estado: o amante, que pensa e se recorde das graças, e belleza do objecto amado; que escalda o pensamento com os prazeres que gozou, e que o esperão; não é por certo em um affecto casto, e puro, que elle vae buscar esses brazeiros de sua imaginação. Os seres mais ferozes das outras especies animaes, inda que não amem, são tão sensiveis ao impulso que os approxima de sua companheira, que despem toda a sua ferocidade para affagal-a. Quem não tem visto o gemido triste e cheio de sensibilidade, que dá o cão, quando quer reproduzir? O roxi-

(1) Passeio, poema.

nol nunca encanta as florestas, como no momento em que procura communicar, seo delirio amoroso á sua companheira. O que não será o homem, que ama, que tem um espelho onde póde ver tudo que gozou, e que espera gozar?

Concluamos pois á vista do que temos dicto : que o amor é a paixão que mais tem concorrido para a civilisação da humanidade, e por consequência podíamos igualmente concluir, a mais conveniente a sua saude; mas buscaremos proval-o mais claramente : entretanto apoiaremos nossa asserção com uma ode de Stochler, que um nosso amigo nos apontou; citaremos apenas algumas strophes por ella ser mui longa.

Não forão caro Souza, as lyras d'oiro
De Orpheo, e d'Amphiom que os leões bravos
E os indomitos tigres amansando
As cidades fundarão.

Embora finjam mentirosos vates
Que as torcidas raizes desprendendo
As arvores annosas, que os penedos,
Apöz elles correrão.

Tu, e só tu, puro amor, despir podeste
Da stupida bruteza a humana especie;
Só tu soubeste unir em firmes laços
Os dispersos humanos.

Sem ti, insociaveis vivirão,
Nas escarpadas penhas, embrenhados,
Ou nos sombrios verde-negros bosques
Em pasmada tristeza.

As fugitivas horas passarão
Em languido lethargo submergidos,
Té que o pungente stimulo da fome
Lhes espantasse o somno.

Os singelos prazeres da amizade:
Prazeres suavissimos só dados
Aos peitos generosos e sensiveis,
Provar não poderião.

As sciencias, as artes sepultadas
No seio da ignorancia inda jazirão;
Que inerte, e frouxo a nada se atrevera
Um peito enregelado, etc.

Mostremos agora a sua conveniencia á saude do homem.

O homem que vive entre os seos semelhantes só, isolado, sem amigos, sua saude se altera, e todas suas faculdades s'enfraquecem : estes seres abandonnados vegetão, magros, pallidos como spectros : os mi-

santhropos, consomem-se, roendo seo coração: que concluir? O homem entregue a si mesmo é um animal triste; porque a sociedade é uma necessidade de seo organismo, é quem lhe abre as fontes de sua sensibilidade, e excita as suas paixões exhalantes, pondo assim em acção o seo systema rachio-encephalico. O homem só se distingue dos outros animaes por este systema: n'elle reside sua verdadeira vida, é como que o depositario de suas nobles faculdades: e como ser nenhum vivente pôde ter uma existencia contraria a que fôr exigida por seus órgãos, nós podemos concluir affoitamente, que o desenvolvimento das faculdades do homem ou do seo systema rachio-encephalico é conveniente á sua saude: e como as paixões exhalantes são os naturaes excitantes d'este systema: e o amor, a primeira d'estas paixões, cremos igualmente bem concluir, que o amor é conveniente á saude humana.

Resta-nos agora fallar d'acção do amor sobre o physico e moral do homem.

O ser que ama, parece gozar uma nova vida; um sentimento ardente excita todo o organismo, seo coração se abre, sua circulação se lhe anima, seo calor animal é melhor mantido, sua imaginação se exalta, e reagindo sobre as outras faculdades cerebraes, excita-as: dahí, a animação dos traços, a frequencia do pulso, a maior energia em suas funcções organicas, o talento, e muitas vezes o genio! “ A' vista ou ao unico pensamento do objecto amado, diz Descartes (1), o coração palpita, a circulação se accelera, a respiração se desembarraça, um leve encarnado tinge todo o rosto, os traços tomão uma expressão nova, os olhos tornão-se humidos, e brilhantes, etc. ”

Todas as paixões exhalantes se desenvolvem: o amor da patria, da gloria, da paternidade vêm fazer esquecer o orgulho, o egoismo, e o interesse: quem ignora os milagres, que o amor tem feito desenvolvendo outras paixões? Elle deo a coragem a Carlos VII, o genio a Akiba, e não é raro ver-se, nascerem nobres ambições, pensamentos elevados, só para merecer um sorriso, um affago. Alliado de todas as paixões, que tem como elle o cunho da sensibilidade, arréda as paixões criminosas, emmudece as suas vozes: os grandes ti-

(1) Medicina das paixões.

rannos, ou nunca amarão, ou quando amarão perderão a crueza de sua alma; Danton que decima do cadafalso exclamou: “O’ minha amada, “ó minha mulher não te verei mais!” Arrependeo-se de ter sido o instituidor do tribunal revolucionario: Camillo Desmoulins na hora de morrer, o que mais o penalizava, era suppôr que a sua morte arrastraria a da sua mulher: tambem morrerão ambos por se apiedarem de seos concidadões, e quererem embotar a fouce á guilhotina! Robespierre, e Ezzelino o feroz, nunca amarão; Nero, e Caligula erão devassos; e cremos que ninguem chamará amor, ao ardor de um tiranno, que nos braços da mulher que servia a seos prazeres, dizia: “Esta linda cabeça será cortada quando me approuver!” Palavras de horrivel pensamento, só dignas d’elle, que mandou applicar a tortura á sua esposa, para que dicesse: “Pelo que o “amava.”

O que acabamos de referir é o amor feliz, o amor que não é contrariado; porque o amor desgraçado, longe de ser proveitoso á civilisação e saude humana, é prejudicial, e desenvolve no homem ás paixões mais ferozes, que o fazem ser mais cruel do que o tigre, e a hyena; que o embrutece, que altera suas faculdades intellectuaes, até suicidar se!

Nós deixamos de tratar d’elle mais particularmente, porque não é comprehendido no fim da nossa Theze: e terminaremos nosso trabalho dando alguns conselhos medicos, para que este sentimento conserve sempre, aquelle estado benefico á saude e civilisação humana.

Deve fugir de pinturas lascivas, de conversações livres que exaltão a imaginação, e enfraquecem seo systema nervoso excitando-o em demazia, e promovendo polluções nocturnas. Deve igualmente evitar a leitura de certos romances, abster-se de frequencia de theatros, onde o perigo é algumas vezes tanto maior, quanto esta paixão é representada mais delicada, e mais pura. Deve buscar distracção, evitando a presença da pessoa amada, quando a sua imaginação não se occupe senão d’ella, promovendo outros interesses, oppondo-lhe mesmo, outras paixões, etc. Deve igualmente, e nós julgamos sobretudo, nao endeozar a pessoa estimada, sentir-lhe os defeitos, estimando as boas qualidades. Eis os preceitos com os quaes cremos; que se póde sempre conservar o amor e nutril-o, sem que elle avassale razão e

vontade: e possa assim tornar o homem inutil a si, e á sociedade. Uma educação appropriada, na qual se evitem tudo quanto póde desenvolver precozmente a voz do instincto reproductor, póde tornar o homem capaz de seguir estes preceitos medicos: directores de collegios, paes de familia, ouví-nos.

FIM.

HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Morbi alii ad alia tempora benè vel malè se habent et quædam ætates ad anni tempora, loca, et victûs genera. — Sect. III, aph. 3.

II.

Somnus, vigilia, utraque modum excedentia, malum. — Sect. II, aph. 3.

III.

Extremis morbis extrema exquisitè remedia optima. — Sect. I, aph. 6.

IV.

Mulieri menstruis deficientibus sanguis é naribus profluens bonum est. — Sect. V, aph. 33.

V.

Si prægnanti purgationes menstruæ cursum suum teneant, benè valere fœtum est impossibile. — Sect. V, aph. 60.

VI.

Quæcumque præter naturam tenues uterum gerant, abortiunt priusquam crassescant. — Sect. V, aph. 54.
